

Indústria emprega dois a cada dez trabalhadores na região

Indústria emprega dois a cada dez trabalhadores na região

Dos 750.554 empregos com carteira assinada da região, 177.575 atuam no setor, o que equivale a 23,65%; no fim da década de 1990 era 39%

NILTON VALENIM
niltonva@imspigato.com.br

No Grande ABC, considerado o berço da indústria brasileira, apenas duas a cada dez vagas de emprego com carteira assinada são oferecidas pelo setor industrial. No fim da década de 1990, eram quatro. Hoje é comemorado o Dia da Indústria. Segmento vive a expectativa de anúncios que serão feitos pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT), que hoje estará na Fiesp (Federação das Indústrias do Estado de São Paulo).
Dados do Caged (Cadastro Geral de Empregados e Desempregados), do Ministério do Trabalho e Emprego, as sete cidades do Grande ABC tinham em março 750.554 trabalhadores formais. Deste total, 177.575 atuam em estabelecimentos industriais, o que equivale a 23,65%.
No fim da década de

1980, a indústria respondia por 363 mil dos 928.728 empregos da região, o que correspondia a 39%. O percentual veio caindo ao longo dos anos (veja na tabela ao lado).
O coordenador de estudos do Observatório Econômico e professor do curso de ciências econômicas da Universidade Metodista, Sandro Maskio, aponta a mudança nos processos de produção como uma das causas para a diminuição dos empregos. "Nós temos a indústria ainda com um peso considerável (na geração de empregos), mas o setor parou de realizar de forma direta diversos processos produtivos e passou a transferir isso para empresas terceirizadas, que em grande parte são prestadoras de serviços. Uma tendência é se concentrar no seu núcleo duro de atividade e transferir as demais", aponta.
Outro fenômeno aponta-

EMPREGO FORMAL NO GRANDE ABC

Ano	Número de vagas na indústria	Participação do setor industrial no total de empregos	Total**
1989	363.000*	39%	928.728
1999	187.000*	36%	478.448
2009	193.000*	30%	633.360
2011	264.000*	33%	809.970
2015	212.000*	27%	788.017
2020	160.000*	25%	708.000
2023	177.575	23,65%	750.554

*Número arredondado
**Dados também incluem outros setores como comércio, serviços, agropecuária, construção civil e administração pública

Fonte: Caged

do pelo economista é a internacionalização. "A cadeia de fornecimento perde muito, principalmente a de peças automobilísticas, porque é mais fácil importar, principalmente da Ásia", aponta.

FUTURO

A Fiesp lança hoje um conjunto de propostas com po-

tencial de impulsionar o desenvolvimento do Brasil, e tirar o País de uma posição de vulnerabilidade em relação a crises externas, como a escassez de semicondutores, que foi responsável por interrupções de produção em várias empresas — só neste ano, a indústria automotiva parou suas linhas 13 vezes.

As contribuições da Fiesp estão divididas em eixos temáticos e prioritários para a indústria nacional, como inovação e desenvolvimento tecnológico, manufatura avançada, instituições financeiras de desenvolvimento, mercado de capitais e crédito corporativo de longo prazo.
"O desafio é manter a competitividade do Brasil. Nós passamos por um período muito difícil. Como se diz no Interior, não basta a queda, leve o colchão. Ou seja, foram sete anos de recessão seguidos de três anos de pandemia, com uma guerra da Ucrânia com a Rússia que rompeu as principais cadeias globais de fornecimento", afirmou Rafael Cervone, presidente do Ciep (Centro das Indústrias do Estado de São Paulo).
"A indústria é o setor que tem o maior fator multiplicador (de investimentos).

Para cada R\$ 1 a mais na produção da indústria, gera-se R\$ 2,20 novos na economia, enquanto serviços gera R\$ 0,50 e o agro R\$ 0,70. A produtividade da indústria é na média 16% maior que no resto da economia. A indústria realiza 69% dos gastos totais de inovação no Brasil, representa 67% dos gastos totais com pesquisas e desenvolvimento e tem um salário médio semelhante ao de países desenvolvidos", afirmou Cervone.
O presidente do Ciep também chamou atenção para a questão dos tributos que incidem sobre o setor e a taxa de juros. "Não podemos abrir mão da competitividade. Porém, 45% do valor adicionado da indústria são impostos. No agro isso representa apenas 6%. E não conseguimos ser competitivos com uma taxa de juros tão alta. Que no Brasil é uma taxa insana", complementou.

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Diário do Grande ABC

Seção: Economia Pagina: 4